

PROCESSO Nº

DOSSIÊ DE TOMBAMENTO MUNICIPAL

“IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS DORES” – CACHOEIRA DO
CAMPO/OURO PRETO – MG

PARECER

SENHORES CONSELHEIROS,

A cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica, sede da capitania de Minas Gerais no período do ouro, foi a primeira no Brasil a ser considerada patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO no ano de 1980 e pode ser considerada uma “cidade museu”. Todas as suas ruas, cantos, becos, igrejas, casarios contam um pouco da história de Minas Gerais setecentista, são “lugares de memória”, como bem definiu Pierre Nora.¹ Se o reconhecimento do valor da cidade de Ouro Preto é inegável, o mesmo não pode ser notado em relação a alguns de seus distritos.

Uma “cidade histórica” passa por grandes desafios e um dos principais é o de estabelecer os limites entre a manutenção do passado e a necessidade de crescimento urbano imposta pela realidade de sua população. Segundo Daniel Barbosa,

de um lado existem os apelos silenciosos dos monumentos, prédios antigos e símbolos históricos por uma política de conservação, que ganham voz por meio de grupos organizados em torno dessa causa. De outro, há o imperativo do trabalho, da moradia, das questões infra-estruturais básicas ao funcionamento de um espaço que, conquanto guarde vestígios do passado, caminha, irremediavelmente, para o futuro.²

¹ NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. In: *Projeto História 10*. PUCSP, São Paulo, 1993. p. 9

² BARBOSA, Daniel H et.all. A câmara municipal de Mariana e o patrimônio histórico (1900-2007). In: CHAVES, Claudia M.; MAGALHÃES, Sônia M. ; PIRES, Maria do Carmo. *Casa de Vereança de Mariana*. Ouro Preto: Ed. UFOP, 2008.

Lugares de memória são compreendidos como um conjunto de práticas, de símbolos, de espaços físicos e de registros documentais que remetam ao passado, são criteriosamente selecionados e introduzidos no presente com o fim específico de nortear nossa observação sobre o que passou. Assim, embora o objeto ou o prédio — ou qualquer outra coisa que possa se transformar num lugar de memória — tenha pertencido objetivamente ao passado, sua escolha para ser um representante do mesmo é efetuada no presente e, por conseguinte, ele responde aos interesses e conflitos inerentes à sua escolha, não à sua produção. Desta forma, mais que simplesmente sua relevância por antiguidade, o que define lugar de memória é a importância que ele assume como um ponto de contato entre a coletividade e o passado e, mais propriamente, entre uma parte da coletividade e uma parte do passado.³

Da escolha constante entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, e da pressão dos grupos definidores do embate é que emerge o patrimônio histórico em uma comunidade. Preservar o patrimônio histórico, nesse sentido, é eleger uma parte específica do passado como a síntese da história da comunidade. O distrito de Cachoeira do Campo passa por este dilema: enquanto grande parte de seu acervo histórico se perde, há tentativas de selecionar “os lugares de memória” que ainda restam para preservá-los para manter viva parte da história. No dia 03 de outubro de 2006 o Conselho Municipal de Patrimônio deu início ao processo de tombamento de alguns bens da localidade de Cachoeira do Campo por solicitação da Associação Cultural Amigos de Cachoeira do Campo, dentre eles encontra-se a Igreja Nossa Senhora das Dores.⁴

Cachoeira do Campo é uma antiga localidade, criada por volta de 1701 e não deve sua origem à mineração, mas à “amenidade de seu clima, a regularidade e fertilidade de seu solo e ao encanto de suas belas paisagens”.⁵ Durante o século XVII várias expedições chamadas Entradas e Bandeiras

³ NORA, P. Entre memória e História. A problemática dos lugares. In: *Projeto História 10*. PUCSP, São Paulo, 1993. pp. 9

⁴ Livro de Atas do Conselho Municipal de Patrimônio. Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano. Ouro Preto- MG.

⁵ LEMOS, Afonso de. *Monografia da freguesia de Cachoeira do Campo*. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. I, p. 102-113, 1911, p.77.

cruzaram o interior do Brasil à procura de riquezas e escravos. A mais famosa destas bandeiras a percorrer as cercanias do local onde hoje está situada Cachoeira do Campo foi a de Fernão Dias Paes, o caçador de esmeraldas, que pelos anos de 1674 e 1675 explorou o cerrado mineiro até as proximidades da região do *mato dentro*. Denominada, a princípio, de arraial de Nossa Senhora de Nazaré dos Campos de Minas, foi um dos palcos dos primeiros conflitos, como a Guerra dos Emboabas e a morte de Felipe dos Santos. A freguesia foi elevada à paróquia colativa também em 1724. Possuía sob sua jurisdição os arraiais de São Gonçalo do Monte ou do Amaranite, Nossa Senhora da Conceição do Rodeio e Santo Antônio do Monte. Foi a freguesia escolhida para edificação da casa de campo dos governadores da capitania. Nessa freguesia foi construído em 1738 um quartel para soldados da cavalaria denominados dragões.⁶ Em 1779 o governador Dom Antônio de Noronha mandou construir um novo quartel, erguido num ponto estratégico, afastado a meia légua da freguesia.⁷

Devido à relevância para a história do distrito de Cachoeira do Campo, justifica-se o tombamento municipal da Igreja de Nossa Senhora das Dores, que teve suas obras concluídas na segunda metade do século XVIII, possivelmente no ano de 1761, conforme documento do Conselho Ultramarino apresentado no Dossiê. A Igreja foi construída no local denominado Monte Calvário e é considerado um templo rústico, possuindo um frontispício simples encimado por duas torres e dois sinos datados de 1810 e 1898. As características arquitetônicas e estilísticas e o acervo de bens móveis e integrados reforçam sua importância como um bem cultural. De acordo com o inventário apresentado no Dossiê, nas laterais da porta principal há duas pias de pedra e abaixo do coro se vê pintura representando, em forma de medalhão, o Monte Calvário. Na nave acha-se, do lado da epístola, o altar original, de madeira, dedicado à Nossa Senhora das Dores e no lado do evangelho está a porta que dá acesso à sacristia e o púlpito simples, com escada de madeira. Na capela-mor encontra-se a imagem da Virgem -

⁶ Cf. COTTA, Francis. *No Rastro dos Dragões: Políticas da ordem e universo militar nas Minas setecentistas*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. (mimeo.)

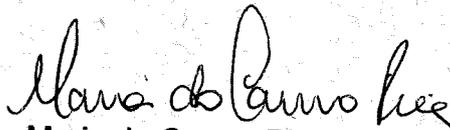
⁷ TRINDADE, Raimundo. *Instituição de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: M. E. S., 1945, p. 213

expressiva imagem de roca e também o que chama a atenção são as pinturas de forro compostas de 16 painéis, sendo 15 em forma de caixotões.

O dossiê ora apresentado ressalta o valor da Igreja, bem como a necessidade premente de uma restauração, além de propor a delimitação do perímetro de tombamento e entorno, bem como diretrizes de intervenção para administração e melhoramentos do bem cultural. A Igreja de Nossa Senhora das Dores de Cachoeira do Campo também merece ter o seu valor reconhecido pelo município por estar entre as mais antigas desta invocação nas Minas, invocação esta que tomou fôlego em Portugal na primeira metade do século XVIII e que foi trazida, assim como grande parte dos primeiro colonizadores da região, do Norte de Portugal por volta de 1760-1770.

Desta forma, recomenda-se o tombamento municipal da Igreja de Nossa Senhora das Dores de Cachoeira do Campo pelo seu valor histórico e pela necessidade de medidas preventivas para a sua manutenção.

Ouro Preto, 09 de Novembro de 2010



Maria do Carmo Pires

Doutora em História pela UFMG/

Professora do Curso de Turismo/Pós-Graduação em História/UFOP